

JORNAL: O Globo LOCAL: Quarabara

DATA: 21/08/1963 AUTOR: Vera Pacheco Jordão

TÍTULO: Pierre Courthion Fala de Arte

ASSUNTO: Vera Pacheco Jordão analisa Pierre Courthion e acrescenta Ivan e outros na lista.

O globo 21-8-63

## Coluna de ARTES PLÁSTICAS

### Pierre Courthion Fala de Arte

O CRÍTICO de arte Pierre Courthion, que veio de Paris a convite da Faculdade Nacional de Filosofia a fim de realizar no Rio uma série de palestras sobre pintura, já em 1927 publicava um "Panorama de la Peinture Contemporaine", e desde então vêm sendo tão numerosos seus trabalhos, não só em jornais e revistas de arte, mas em livros, muitos dos quais editados por Skira, outros também em inglês e alemão, que citaremos apenas os mais recentes: as monografias sobre Manet e Rouault, editadas no ano passado em Nova York, e o volume em preparo "Soutine, le Réalisme".

Tratando-se de um crítico de tal envergadura, solicitamos suas opiniões sobre os novos rumos e os novos valores no terreno das artes plásticas, e aqui transmitimos aos leitores a tradução das notas que Courthion nos deu por escrito.

"Não é de admirar que, após mais de meio século de arte construída, hoje voltemos a uma pintura de efusão direta e mais improvisada. Figurativa ou abstrata, o que importa acima de tudo é a qualidade. Ora, pondo de parte Giacometti como exceção, devemos reconhecer que, nestes últimos tempos, quase tudo que se tem feito de válido nas artes plásticas é de estilo não-imitativo (não gosto do termo **abstrato** porque me parece cingir o não-imitativo a uma forma de expressão rigorista e de tendência geometrizarante).

"As últimas pesquisas em Paris e no mundo tendem mais para uma volta à sensibilidade e a uma expressão de luminosidade aérea. Dêsse ponto de vista, Léon Zack é um dos elementos mais importantes como "chef de file". Na geração dos homens de 60 anos de destaque, antes de qualquer outro, Maurice Estève, que criou uma visão nova, e cuja obra se mantém sempre no mesmo nível de qualidade. Dentre os mais jovens, dou particular importância a Olivier Debré, cuja pintura tem modulações de cor de extraordinária pureza. Ainda entre os jovens, na França, também se distinguem Louis de Grandmaison e Guy de Vogüé.

"Arnold Fiedler, de Hamburgo, tem um desenho espontâneo como os "graffiti", que é muito comunicativo. Dentre os italianos, creio que terá grande futuro Sergio Romiti, de Bolonha, cujo espaço colorido é povoado por formas evanescentes e balanceadas. O sueco Gustaf Bolin está à frente daqueles que buscam **sugerir** aos nossos olhos uma nova e peculiar realidade do mundo visível. E gostaria de falar do suíço Fernand Dubuis, do francês Gogois, pintor ainda muito moço.

"Gostaria de acrescentar a esses nomes os de alguns artistas brasileiros, de cujos trabalhos tive exemplos nas bienais de Veneza: Ivan Serpa, o pintor dos labirintos de nossas inquietações (aprecio a finura de suas relações de tons); Iberê Camargo, sombrio e denso; Krajcberg, obcecado pelas marcas que o homem deixa sobre a areia e pela erupção de nosso mundo interior.

"Na escultura, acredito que os mais importantes dos contemporâneos sejam Lardera, Hadju, e Guadagnucci. Do Brasil, aprecio particularmente os trabalhos de Liuba e os mobiles de Lygia Clark.

"Foi na América do Sul, em Montevidéu, que se iniciou a carreira de um de nossos maiores pintores, Nicolas de Stael. Em 1947 uma senhora uruguaia resolveu fazer ali uma exposição desse artista, que ainda não havia conquistado nome em Paris, mas cujo trabalho eu desde muito tempo acompanhava com o maior entusiasmo. A pedido dele, escrevi o texto para o catálogo dessa mostra, e esse foi o primeiro trabalho publicado sobre um pintor — morto em circunstâncias dramáticas —, do qual ainda não surgiu equivalente na força do talento, na espantosa profundidade da agressão. Vejo-o ainda, em seu enorme "atelier" da Rua Gauguet, trabalhando com a faca o relêvo de suas "hautes pâtes". De Stael tinha imenso respeito pelos mestres: venerava Rembrandt, Hercule Seghers, Gericault. Sua carreira foi fulgurante. Dêle voltaremos a falar na conferência que dedicarei especialmente aos pintores que conheci mais de perto, de quem fui mesmo grande amigo, como Matisse, Bonnard e Rouault."

Encerrando o assunto, convidamos os leitores para as palestras, ilustradas com projeções, que Pierre Courthion está realizando às terças e quintas-feiras, às 18 horas, na Faculdade Nacional de Filosofia (Av. Presidente Antônio Carlos, 40).

#### Inaugurações

HOJE — 21h 30m — GRAVURAS DA POLÔNIA —  
(Gal. Barcinski (Av. Copacabana, 400)

AMANHÃ — 18 horas — ROBERTO BURLE-MARX —  
Museu de Arte Moderna do Rio (Atêrro da Av. Beira-Mar).

18 às 22 horas — Apresentação, por Carlos Perry, das  
obras de arte que serão leiloadas na Feira da Providência.  
(Salões do Hotel Copacabana Palace).